

PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALAMOS DA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADULTOS EM PAULO FREIRE

Not to say that we do not talk about Literacy for children and adults in Paulo Freire

No decir que no hablamos de alfabetización infantil y adultos en Paulo Freire

Suzana Mary de Andrade Nunes*
Verônica dos Reis Mariano Souza**

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.272-288>

Resumo

Essa escrita se une às manifestações de reconhecimento ao legado de Paulo Freire durante o ano de 2021, momento histórico conturbado politicamente no cenário brasileiro, na qual e entre as quais, as iniciativas de estudiosos e estudiosas de diferentes áreas do conhecimento têm apresentado uma visão acerca da educação freiriana. Assim, emerge um movimento endógeno que nos leva a produzir novos sentidos diante da largueza do entendimento de Freire sobre a alfabetização de crianças e adultos, à medida que reunimos as concepções de Cagliari (2008); Soares (2020, 2018, 2013); Giroux (2001, 1997) e outros/as, que direta ou indiretamente dialogam sobre o tema proposto, a fim de continuar trazendo para o centro das discussões as intersecções epistemológicas da leitura do mundo e da leitura da palavra freiriana.

Palavras-chave: Legado de Paulo Freire; Alfabetização de crianças e adultos; Intercensões epistemológicas da leitura do mundo e da palavra freiriana.

Abstract

This paper contributes to the manifestations of recognition of the legacy of Paulo Freire during the year 2021, a politically turbulent, historical moment in the Brazilian context, during which the initiatives of scholars from different areas of knowledge presented a vision of Freirean education. As a result, an endogenous movement emerges that leads us to produce new meanings due to the broadness of Freire's understanding on the literacy of children and adults, and gather the concepts

of Cagliari (2008); Soares (2020, 2018, 2013); Giroux (2001, 1997) and others, who directly or indirectly discuss the proposed topic, in order to continue bringing to the center of the discourse the epistemological intersections of the reading of the world and the reading of the Freirean word.

Keywords: Paulo Freire's Legacy; Literacy for children and adults; Epistemological intersections of the reading of the world and of the Freirean word.

Resumen

Esa escritura se une a las manifestaciones de reconocimiento al legado de Paulo Freire durante el año 2021, un momento histórico conturbado políticamente en el escenario brasileño, en el cual y entre las cuales, las iniciativas de estudiosos y estudiosas de diferentes áreas del conocimiento han presentado una visión acerca de la educación freiriana. Así, emerge un movimiento endógeno que nos lleva a producir nuevos sentidos ante la amplitud del entendimiento de Freire sobre la alfabetización de niños y adultos, a medida que reunimos las concepciones de Cagliari (2008); Soares (2020, 2018, 2013); Giroux (2001, 1997) y otros(as), que directa o indirectamente dialogan sobre el tema propuesto, a fin de continuar trayendo al centro de las discusiones las intersecciones epistemológicas de la lectura del mundo y de la lectura de la palabra freiriana.

Palabras clave: Legado Paulo Freire; Alfabetización de niños y adultos; Intersecciones epistemológicas de la lectura del mundo y de la palabra freiriana.

Introdução

O ano de 2021, assistiu-se a um grande movimento de alcance internacional, compreendendo os seis continentes do globo, em homenagem ao centenário do educador Paulo Freire. Se fôssemos questionados se ficamos satisfeitos com a dimensão das homenagens logo responderíamos, sem pestanejar: sim, fiquei ou ficamos. Entretanto, podemos, com certeza, fazer mais, sem sobejar, tanto no conteúdo como na forma em diferentes suportes que as tecnologias nos oferecem, dada a largueza do que o homenageado deixou como legado do século XX para gerações ulteriores, ou seja, podemos continuar trazendo para o centro das discussões as intersecções epistemológicas da leitura do mundo e da leitura da palavra freiriana.

Esse, talvez, seja o grande marco positivo do ano 2021, uma vez que, ressentidos pelas mortes e as inflexões ocorridas sob a imposição da pandemia e as graves consequências que ainda teremos que viver diante dos efeitos colaterais¹ que

¹ Retira-se a concepção do livro *Sociedade de Risco* de Beck diante das previsões do desastre climático.

PARA NÃO DIZER QUE NÃO falamos da alfabetização de crianças e adultos em Paulo Freire

sucessivamente se apresentam nos diferentes contextos, ainda assim, o fôlego foi intensificado e despontou-se à medida que se manifestavam grupos, instituições, sociedade organizada em vibrante sonoridade ao reconhecimento ao educador Paulo Freire.

Nessa esperança, lançamo-nos nesse desafio da escrita sobre a alfabetização de Paulo Freire. Não refutamos a repetição conceitual, contudo acreditamos na originalidade representativa como ponto de partida ao tratarmos da alfabetização voltada aos adultos, bem como na contribuição de Freire para alfabetização das crianças. Assim, esperamos que as dúvidas que ainda pairam se Paulo Freire somente tratou da alfabetização de adultos seja, infimamente, desmistificada e nos detenhamos somente a de alfabetização segundo a concepção de Paulo Freire.

É nessa linha de pensamento que trazemos as contribuições para as práticas pedagógicas das professoras alfabetizadoras e professores² alfabetizadores, em sala de aula, aos quais reforçamos a dedicação no árduo trabalho de alfabetizar as crianças na perspectiva de uma educação progressista assentada em valores igualitários e na promoção da justiça social. Logo, é fundamental que não façamos a segregação entre quem e para quem, porque podemos correr o risco de afirmar que os contextos, os sujeitos, as gerações são diferentes, assim sendo, os métodos devem ser diferentes, as especialidades, os objetivos, os professores e professoras e as suas práticas pedagógicas também deverão ser diferentes.

Vale ressaltar que a diferença enlaça um olhar discriminatório que antecede para quem, embora também compartilhamos da concepção das diferenças pessoais da essência humana, conforme Deleuze (1968) as aborda minuciosamente em seu livro *Diferença e Repetição*. A diferença a qual nos referimos e que tanto foi combatida por Paulo Freire é enraizada pelo profundo desrespeito à pessoa humana sobre a qual são apossadas as desigualdades sociais.

² Embora saibamos que a alfabetização seja um trabalho feminino com características próprias que embasam os Estudos de Gênero, optamos em destacar a flexão de gênero no masculino e feminino, uma vez que defendemos que seja superado a divisão sexual do trabalho, ao passo que nos orientamos no estilo de escrita freiriana de marcar os gêneros logo que ele percebeu a interferência da cultura patriarcal na língua portuguesa.

Paulo Freire se ressentia de nunca ter sido professor de crianças, de não ter estado à frente, em sala de aula, em turmas de alfabetização de crianças. Contudo, no diálogo com Donaldo Macedo e com Sérgio Guimarães,³ ele rompe, mais uma vez, com as fronteiras, transgredindo-as, sem denegá-las. A transgressão falada e defendida como ato consciente e de controvérsia aos ditames conservadores do (a) professor(a) transmissor(a) e dono(a) do conhecimento; do enquadramento a “verdades” sem questionamento.

Para Paulo Freire, o questionamento é o ponto de partida, a dúvida, o nascedouro da esperança, porque advém a crença de que algo é possível de ser transformado. Assim, ele supera a visão tecnocrata do(a) professor(a) dono(a) do saber e do conhecimento, ao passo que abraça a visão do(a) professor(a) amoroso(a) que também carrega uma face de ignorância⁴ e, portanto, precisa estar aberto(a) ao aprendizado contínuo. Assim sendo, a amorosidade seria a força motriz para acender o desejo de estar na sala de aula e de “querer”⁵ com ato objetivo de desejo para realizar um trabalho pedagógico que transforme as suas próprias vidas e as vidas de seus alfabetizandos e alfabetizandas.

Pretende-se, nesta escrita, intensificar luz sobre a alfabetização de crianças e adultos segundo a concepção freiriana, no sentido de privilegiar a importância de que professoras alfabetizadoras e professores alfabetizadores leiam as obras de Paulo Freire e façam delas um exercício reflexivo para leitura do mundo e da palavra. Nessa lógica, os designativos de “professor” e “alunos” estarão voltados para séries iniciais e no processo de iniciação da leitura e da escrita.

³ FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Partir da Infância: diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo e leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

⁴ O livro *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*, de Jacques Rancière traz uma análise sobre a questão que contribui para uma elucidação conflituosa entre o saber e o não saber.

⁵ Verbo querer como ação consciente e de escolha individual para ação ativa do professor e professora, como pode ser visto no livro *Pedagogia da Autonomia*.

Resistência aos alagoes da democracia: projeto freiriano de educação

A nossa homenagem ao educador, patrono da educação brasileira, é, por um lado, um ato de resistência à permanência do título⁶ fruto ao reconhecimento como formador dos(as) (futuros) professores e (futuras) professoras, que permanecem invisíveis na sociedade brasileira, sem o merecido reconhecimento econômico, social e político, bem como, da luta por uma educação pública de qualidade no Brasil. Por outro lado, mesmo diante das intempéries vividas na pandemia do Covid-19⁷ evidenciou-se um tenso conflito entre a política educacional do poder executivo, de modo que homenagear Paulo Freire foi uma maneira de repudiar as diretrizes traçadas pelo Ministério da Educação.

No ano do centenário do mestre Paulo Freire, setores da educação brasileira se dão conta da necessidade de revisitar sua vasta obra e refletir a respeito da extensão e profundidade do pensamento desse educador brasileiro e nordestino que honrou o nome do Brasil para além de suas fronteiras. Autor de 22 livros traduzidos em diferentes línguas, suas publicações, especialmente *Pedagogia do oprimido*, impactaram positivamente diferentes campos do conhecimento como museologia, matemática, física, pedagogia, teologia, antropologia, arte, entre outros. Reconhecido e homenageado com 42 títulos de doutor *honoris causa* em universidades brasileiras e no exterior, esse grande mestre, enaltecido pela maioria dos(as) educadores(as) brasileiros(as), nos deixou um legado importante no campo da educação que ele tanto defendeu com coerência, coragem e ousadia até o fim da sua profícua vida.

⁶ A presidente Dilma Rouseff sancionou, em 13 de abril de 2012, a Lei 12.612 que confere à Paulo Freire o título de Patrono da Educação Brasileira.

⁷ Em 2021, vivemos a maior crise sanitária dos últimos séculos, na qual tivemos que suspender as aulas presenciais e aprender a lidar com as ferramentas tecnológicas, ao passo que tivemos que realizar o trabalho pedagógico da educação infantil ao ensino superior das nossas próprias casas. Um ano de desafios e de superação em que a palavra-verbo foi o aprender como verbo transitivo. Aprender o desconhecido, o que ainda não tinha, até então, referência ou paradigma a ser seguido.

Paralelamente, a política educacional do presidente Jair Bolsonaro e dos seus ministros da educação são direcionadas para o desmonte da educação pública e uma desconstrução do processo iniciado de promoção à qualidade da educação básica até o ensino superior, sob a justificativa de ser considerada política de esquerda, o que contraria também a política liberal, que ele diz representar.

A experiência pioneira, que lhe deu visibilidade nacional e, posteriormente, internacional, na área de alfabetização de adultos foi realizada em 1963. O educador, até então desconhecido professor, pesquisador e ativista político pernambucano, implementou seu método de alfabetização em 40 horas em Angicos (RN). Seu legado aos educadores e educadoras comprometidos/as com as camadas mais vulneráveis da população nos faz refletir a respeito da aprendizagem da leitura e da escrita, negada, ainda hoje, aos brasileiros e às brasileiras pertencentes às classes pobres que não conseguem se apropriar da língua escrita. A invenção da escrita é um dos bens culturais mais importantes da humanidade e continua sendo um dos instrumentos de luta por uma sociedade com menos desigualdades sociais.

A leitura do mundo e leitura da palavra são imprescindíveis e atuais em qualquer projeto político pedagógico que leve em conta a promoção humana. Promoção humana não é caridade, é respeito por todo ser humano e, por extensão, pela natureza. Assim, a professora alfabetizadora e o professor alfabetizador não excluem a realidade e os contextos vividos pelo(a) alfabetizando(a), mas a leitura do mundo é matéria prima para leitura da palavra. Tornar o conhecimento popular em conhecimento letrado é o grande desafio, aliás, é a lógica da teoria metodológica que deve ser alcançada, uma vez que admitimos que a produção cultural da humanidade se constitui desde os primeiros manuscritos ou desenhos dos homens das cavernas. Parece-nos muito estranho que os conhecimentos que constituem a cultura das classes menos privilegiadas sejam excluídos da produção cultural da humanidade, conseqüentemente, não perfazendo os conteúdos curriculares das escolas.

Isto é, o conhecimento parece objetivo no sentido de ser externo ao indivíduo e de ser imposto ao mesmo. Como algo externo, o conhecimento é divorciado do significado humano e da troca intersubjetiva (...) A natureza de sua organização é baseada em valores. De forma semelhante, a organização, implementação e avaliação curricular sempre apresentam padrões de julgamento acerca da natureza do conhecimento, relacionamentos em sala de aula e distribuição de poder (GIROUX, 1997, p. 45-46).

Iniciar o processo de escolarização nos primeiros anos dedicados à alfabetização a partir dos conhecimentos já adquiridos pelas crianças ou adultos é sem dúvida o caminho mais ilustrativo para que eles adentrem no mundo da palavra desde a

representação do sistema que é produzido pelas próprias cadeias significantes/significados e produtoras de sentido (significação), isto é, a partir dos signos linguísticos já conhecidos e experienciados pelos alfabetizando e pelas alfabetizadas. Por isso, “é instrutivo, pois começar de novo com Paulo Freire, porque seu começo sempre foi interessante e nunca banal; sempre complexo, embora não complicado” (BERTHOFF, 2021, p. 12).

A invisibilidade das questões relacionadas à alfabetização, à professora alfabetizadora e ao professor alfabetizador começam na formação inicial. Para tanto, o processo de escolarização inicial exige de quem está na sala de aula, nos anos iniciais, a apropriação das diferentes facetas da aprendizagem da língua escrita. Tal apropriação requer uma formação complexa e sofisticada que normalmente não é garantida nos currículos dos cursos de pedagogia. “O professor que vai ensinar a ler e escrever estuda tudo nessas escolas, exceto o português que deveria ensinar. As universidades não formam adequadamente os professores das escolas de formação de alfabetizadores” (CAGLIARI, 2008, p. 187).

É bem verdade que as estruturas linguísticas são bases para o entendimento das três facetas, as quais Soares (2018) identifica como camadas, no livro *Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever*, em que ela traça e percorre caminhos metodológicos de alfabetizar letrando:

- a) conhecimento da língua para atender as necessidades individuais e pessoais por meio do conhecimento do sistema alfabético;
- b) conhecimento da língua para interação social e atender as práticas sociais da escrita;
- c) conhecimento da língua para apropriação dos bens culturais. Com isso, parte-se da reflexão holística do próprio uso linguístico, no tocante à norma padrão que promove a ascensão social, econômica e política.

Soares (2020) destaca, na apresentação dessa obra, que:

Diante desse reiterado fracasso na alfabetização das crianças, conclui-se que a universalização do ensino fundamental, na verdade, não

resultou na democracia da educação: ter acesso a escola, mas não ter acesso ao ensino de qualidade significa não conquistar igualdade de direitos e de possibilidades – bases da Democracia (SOARES; 2020, p. 9).

Acreditamos que, ao apresentarmos a sintonia das concepções de Paulo Freire com outros autores e autoras que não tiveram oportunidade de dialogar diretamente com ele, mas que mantêm uma intersecção conceitual em defesa da alfabetização, pois entendem que se não é na educação a transformação é, no entanto, por meio da educação que se transforma sonho em projeto e projeto em realidade.

(...) sabemos todos que a educação não é a chave da transformação do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós por sua força a serviço dos nossos sonhos (FREIRE; 1975, p. 126).

A alfabetização de qualidade é um poderoso instrumento na conquista de uma cidadania digna para todos os seres humanos, independente de classe social, credo religioso, gênero ou se é pessoa com deficiência. “Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar” (FREIRE, 2021, p. 59). Este compromisso encontrou ressonância e estão presentes em um projeto pedagógico democrático que nem sempre corresponde às políticas de inclusão que não incluem, ao contrário, o que se percebe, claramente, é uma inclusão que reforça a exclusão, conforme é visto em Libâneo (2013); Soares, (2020, 2018, 2017, 2013); Cagliari (2008, 1988); Arroyo (2013); Goulart (2009, 2012); Giroux (1997), entre outros.

Por sua vez, esses projetos são sufocados pelas imensas referências negativas generalistas que reproduzem sentenças de que crianças das camadas menos privilegiadas não aprendem a ler e escrever. Em oposição, o tempo e a dedicação apontam e quebram os estigmas e comprovam a invalidade com um novo registro: “As crianças aprendem a ler e a escrever” igualmente à experiência descrita detalhadamente em obras de Paulo Freire que vem de encontro à educação bancária, como pode ser visto no livro *Conscientização* (FREIRE, 2018).

Nesse sentido, a relevância do papel da professora alfabetizadora e do professor alfabetizador, a partir do conceito de “intelectuais transformadores” de Giroux (1997), se alinha teoricamente às suas experiências vividas, destacadas por Freire de práxis pedagógica.

Paulo Freire na apresentação do livro de Giroux (1997) salienta:

Para os menos críticos (professores), esta afirmação poderia sugerir a possibilidade de que se poderia ser um excelente professor, ou simplesmente um professor, sem ter que pensar profundamente a respeito do relacionamento que o objeto de seu ensino tem com outros objetos. [...] sem levar em consideração as forças culturais, sociais e políticas que os moldam” (GIROUX, 1997, Apresentação)

Por sua vez, entendemos que todo professor ou toda professora é intelectual, independentemente da corrente ou visão política que aporta a sua prática pedagógica. É indiscutível que essa marca identitária se manifesta na sua prática pedagógica, em seu olhar sobre o mundo e os sujeitos; os seus objetivos que orientam o exercício profissional; na coerência entre o discurso e a prática; na relação que se estabelece entre quem pensa semelhante ou quem pensa politicamente diferente, uma vez que Freire (1997) ainda defende um mundo em que as linhas sectárias caíam, ao passo que critica os sectários conservadores e de esquerda como sujeitos que banalizam à realidade aprisionadora do sujeitos. Contudo, enfatiza que há de se preservar o projeto progressista porque fomenta as bases de uma possível e tão sonhada democracia.

A inadequação da expressão “método de alfabetização de Paulo Freire”

Para abordar, sem anacronismo, a proposta de alfabetização idealizada por Paulo Freire, é necessário contextualizar a experiência realizada no interior nordestino no início da segunda metade do Século XX. Em Angicos, pequena cidade do sertão Rio Grande do Norte, foram alfabetizadas 300 pessoas de diferentes profissões, a saber, donas de casa, pescadores, lavradores.

Considerar o criativo projeto de alfabetização de Paulo Freire como um método é, no mínimo, inadequado. A proposta radical de ensinar a ler o mundo e a palavra, partir da conscientização que leva a uma nova concepção de mundo, de educação, de pessoa, de escola, de linguagem, foi uma proposta audaciosa. Vale ressaltar que a maioria das pesquisas na área da alfabetização, tanto de base cognitiva como fonológica surgiram a partir de meados da década de 1970. Nessas bases e de interlocução com o pensamento freiriano, Soares (2013) destaca as publicações de diferentes suportes da imprensa no primeiro aniversário de morte de Paulo Freire, que o limitava ao criador de um método de alfabetização.

Segundo Soares (2013), as publicações apontam dois aspectos que parecem ser contraditórios: no primeiro, é inquestionável o reconhecimento aos educados e a história de vida de Freire dedicada à educação; no segundo, o registro apequenado da sociedade brasileira ao que Paulo Freire representou e representa para educação. Em vista disso, nesses últimos anos, sobretudo, de 2018 para cá, houve uma necessidade, por parte de educadores(as) em divulgar notas de esclarecimento nas redes sociais para população e até mesmo apresentar desmentidos acerca do que Freire representa no cenário nacional e internacional, posto ao movimento de desconstrução do seu legado. Por sua vez, indo na contramão às projeções e o alcance de Paulo Freire no cenário internacional, após os impasses criados no atual cenário político brasileiro em que desejou destituí-lo de Patrono da Educação do Brasil.

[...] uma concepção de educação como prática de liberdade, educação como conscientização, e disso, realmente, foi ele o inventor. Não apenas uma concepção de alfabetização como método analítico-sintético de ensinar a ler e escrever, que disso também, realmente, não foi ele o inventor (provavelmente terá sido alfabetizado por ele, pois declara, em texto que produziu para a revista Nova Escola (dezembro de 1994) (SOARES, 2013, p. 119).

A alfabetização para Paulo Freire não é uma questão de método, é política. Com relação ao método de alfabetização, afirmou:

[...] preferia dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o

... mundo. o que eu tentei fazer e continuo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é método de conhecer e não um método de ensinar (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 1999, p. 315)

Graças à ação educativa freiriana na área da alfabetização de adultos, a década de 1960, no Brasil, foi marcada por uma proposta de alfabetização muito avançada que repercutiu no mundo. O respeito ao saber do(a) alfabetizando(a) e do(a) alfabetizador(a), os temas geradores baseados na realidade de vida, o levantamento vocabular antes de iniciar os círculos de alfabetização, o respeito à cultura e à arte popular extrapolam a visão mecanicista dos métodos de base analítica ou sintética. Alfabetização freiriana diz respeito a uma concepção de mundo, de educação, de pessoa comprometida com uma existência mais digna para todos.

Ainda com relação à alfabetização, Soares (2017) chama atenção para a complexidade das diferentes facetas do processo de aprendizagem da língua escrita e que os métodos enfocam um aspecto em detrimento de outros que são igualmente importantes.

Se método é caminho em direção ao alfabetizando, e se, para trilhar um caminho é necessário conhecer seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem, alfabetizadores(as) dependem do conhecimento dos caminhos do educando – dos processos cognitivos e linguísticos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita – para orientar seus próprios passos e os passos do aluno(a) é o que se denominou alfabetizar com método: alfabetizar conhecendo e orientando com segurança o processo de alfabetização, o que se diferencia fundamentalmente de alfabetizar trilhando caminhos predeterminados por convencionais métodos de alfabetização. (SOARES, 2017, p. 352).

Quem conhece a obra de Paulo Freire sabe que ele vai aprofundando conceitos de forma espiral positiva a cada nova publicação. Com relação aos teóricos que contribuíram com teorias relacionadas ao processo de alfabetização, ele afirmou que elas se “fundem, sobretudo, no que estas contribuições me ajudam a ajudar a luta política necessária à superação dos obstáculos impostos às classes populares para que leiam e escrevam” (FREIRE, 2011, p. 18).

Henry Giroux (2011), na introdução do livro *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, de Paulo Freire e Donaldo Macedo, referencia acerca da relação ao aspecto político e social da pedagogia da alfabetização freiriana, enfatiza o sentido amplo dessa prática pedagógica:

Os seres humanos (como são os professores tanto quanto os alunos), dentro de determinadas formações sociais e culturais, são o ponto de partida para analisar, não apenas de que modo constroem ativamente suas experiências pessoais dentro de determinadas formações sociais e culturais, são o ponto de partida para analisar, não apenas de que modo constroem ativamente suas experiências pessoais dentro das relações de poder vigentes, mas também de que modo a construção social dessas experiências lhes proporcionam a oportunidade de dar sentido e expressão as suas necessidades e vozes como parte um projeto de empowerment individual e social. (GIROUX, 2011, p. 44-45)

Desse modo, a alfabetização proposta por Freire extrapola o sentido de método e alcança o sentido de autonomia de ler o mundo por meio de uma práxis libertadora, crítica, ética, dialogal, problematizadora, democratizadora, libertadora, amorosa, estética, coerente e inclusiva. Defensor de uma alfabetização radical, a experiência de Angicos, no início da segunda década do século XX, deve ser entendida no contexto de sua época e não como um método de alfabetização.

Alfabetização radical, emancipadora, dialógica ...

Os altos índices de analfabetismo que tanto indignaram o mestre Paulo no seu tempo continuam a assolar o Brasil nos dias de hoje. Crianças pobres da escola pública chegam ao terceiro ano do ensino fundamental sem saber ler nem escrever. Em alguns estados do Nordeste, esse índice chega a 80%⁸. O problema da base da escolarização brasileira vem se arrastando por meio dos séculos sem que de fato haja uma política de

⁸ O Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) e a Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílios (PNAD) registraram, em 2019, que a região Nordeste continua com os maiores índices de analfabetismo no país, chegando a média de 13,9% para 3,3% das regiões sul e sudeste.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) publicou o resultado da avaliação do Ensino Fundamental dos anos iniciais em 2020, aplicada em 2019, na qual ficou reiterado a insuficiência dos componentes Leitura e Escrita, que somam até 80% na região nordeste.

longo prazo que foque no atendimento sistemático das crianças em fase de alfabetização, de uma escola em tempo integral para os alunos da educação infantil e do ensino fundamental, da valorização social e econômica dos professores e das professoras, da preparação dos alunos e das alunas dos cursos de pedagogia para que as futuras professoras e os futuros professores recebam uma formação complexa e sofisticada como adverte Cagliari (2008). O fracasso na alfabetização dos brasileiros e brasileiras tem endereço e classe social.

De certo modo, as políticas de alfabetização brasileiras pouco contribuem para a solução do problema dos altos índices de analfabetos funcionais de jovens e adultos que outrora frequentaram a educação infantil e os primeiros anos do ensino fundamental. O direito à aprendizagem de crianças, jovens e adultos mais pobres continua sendo negado. Freire (2011) adverte sobre a nossa passividade e indiferença diante da negação da habilidade de leitura e de escrita para as crianças que frequentam a escola pública:

É um absurdo que estejamos chegando ao fim do século, fim do milênio, ostentando índices de analfabetismo, os índices dos e das que, mal alfabetizadas, estão igualmente proibidos de ler e de escrever, o número alarmante de crianças interditadas de ter escolarização. E que com isso tudo convivamos quase como se estivéssemos anestesiados. (FREIRE, 2011, p. 17)

Freire mostra por meio de sua práxis que a questão da aprendizagem da leitura e escrita deve ser vista sob o ângulo da luta política, porque toda a educação é um ato político. A superação das barreiras impostas às classes populares para que leiam e escrevam foram fundantes em sua vasta obra.

Não é raro palestrantes, educadores e educadoras se reportarem à concepção freiriana de alfabetização e às citações que expressavam tão fortemente o seu entendimento acerca do processo de alfabetização, cuja compreensão denunciava de que o ato de aprender a ler a um ato de conhecimento, de criação e não apenas de memorização mecânica, ao passo que é reiterada que os alfabetizando e as alfabetizadas são antes de tudo sujeitos do e no processo de aprendizagem da língua escrita; que se deve respeitar o saber das classes populares; a importância do diálogo e do entendimento da heterogeneidade, que os tornam sujeitos aprendentes diferentes com poder de criação em todo processo educacional.

Nos princípios da proposta de alfabetização, destacam-se o respeito ao vocabulário dos alfabetizandos e das alfabetizadas (palavras existenciais); o saber dos educandos e das educandas como parte importante da pedagogia do diálogo em oposição à educação bancária e à relação entre a leitura do mundo e a leitura dos textos. Assim, afirmou Paulo Freire no seu livro *A Importância do Ato de Ler* (2011)⁹ “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, mas não prescinde a leitura dos textos”, a compreensão dos textos deve ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”. O processo de aprendizagem da linguagem escrita deve estar ligado ao contexto cultural do educando e da educanda.

A concepção de linguagem como interação é um ponto fundante na pedagogia freiriana, as atividades desenvolvidas nos círculos de cultura são exemplos da dialogicidade praticada; língua que deve ser ensinada a partir do contexto dos alfabetizandos e das alfabetizadas:

(...) na realidade não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de sentido ideológico ou existencial. (BAKHTIN, 1989, p. 95)

A relação entre teoria e prática e a coerência conduzem a uma educação amorosa e, portanto, profundamente marcada pelo diálogo, sempre baseado na realidade, mas sem se restringir a esta. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2011, p. 20).

A questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores(as) críticos(as) se fazem a si mesmos(as). “(...) é que sabem muito bem que o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso”. (FREIRE, 2011, p. 37).

Insistimos em afirmar que o direito de aprender a ler e a escrever continua sendo negado aos brasileiros mais pobres de diversas formas. Dentre elas, a falta de políticas

⁹ Paulo Freire faz a abertura do Congresso de Leitura (COLE) promovido pela UNICAMP.

PARA NÃO DIZER QUE NÃO falamos da alfabetização de crianças e adultos em Paulo Freire

de assistência pedagógica nos dois turnos. A criança vinda de uma família de baixa renda quase sempre não possui um adulto alfabetizado que possa fazer a mediação necessária no turno contrário às aulas para a resolução das atividades de casa.

Insistimos também no descaso com os salários dos professores e das professoras das séries iniciais. A educação de qualidade e a valorização social e econômica dos professores e das professoras, principalmente das séries iniciais, ficam apenas nos programas das campanhas eleitorais dos políticos.

A alfabetização radical proposta por Paulo Freire vai além do sentido estrito da aprendizagem da linguagem escrita. Ler e escrever também implicam em entender criticamente o meio social em que vivemos, participar e exigir os direitos de aprendizagem e de cidadania de todas as pessoas, o que significa o empoderamento de todo cidadão brasileiro. Neste sentido, referenciamos a assertiva freiriana:

A alfabetização não pode ser reduzida ao mero lidar com letras e palavras, como uma esfera puramente mecânica. Precisamos ir além dessa compreensão rígida da alfabetização e começar a encará-la a relação entre os educandos e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os educandos. (FREIRE; MACEDO, 2002, p. 9)

Se pudéssemos dar um marco fundante da educação escolar, esse seria a alfabetização. Um período tão importante que implica decisivamente em diferentes aspectos, seja da vida social, acadêmica e política do cidadão. Negar o direito de aprender a ler e a escrever às camadas mais pobres da população é um atestado das desigualdades sociais que vivemos em nosso país. Lamentavelmente, no Brasil, as classes populares ainda não alcançaram a educação de qualidade a que têm direito.

Por esta e por inúmeras outras razões, o legado do grande mestre pernambucano está vivo. Vamos reproduzir os versos do poeta Thiago de Mello (2017)¹⁰ “Faz escuro,

¹⁰ O poema “A Canção para os Fonemas da Alegria” escrito por Thiago de Mello em 1964, faz referência ao trabalho do educador pernambucano Paulo Freire, que se juntariam ao exílio, no Chile, em novembro do mesmo ano. O poema encontra-se na p.27 do livro “Educação como Prática da Liberdade”, primeiro livro de Freire. Primeira publicação do poema encontra-se em MELO, Thiago. *Faz Escuro Mas eu Canto — Porque a Manhã Vai Chegar*. Poesias, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1965.

mas eu canto/porque a manhã vai chegar”, para que a educação de qualidade, principalmente, no ensino fundamental, seja uma realidade em nosso país.

*Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:
canção de amor que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler*

Com o verso desse poema interrompemos a nossa escrita e ensejamos o desejo de cantar a ode à luz do educador Paulo Reglus Neves Freire, que tão sutilmente brilhou na escuridão de quem nem imaginava a possibilidade de transformar-se para transformar a realidade do(a) analfabeto(a) em sujeitos leitores e escritores do mundo e da palavra.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1988.
- CAGLIARI, Luís Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 67ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 75ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2018.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Partir da Infância: diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo; PILLICH, Ivan. Diálogo. In: Seminário Invitación Conscientizar Descolarzar: conversacion permanente. Genebra (1974). Búsquedas Celadas: *Atas Buenos Aires*, 1975, p. 109.

PARA NÃO DIZER QUE NÃO falamos da alfabetização de crianças e adultos em Paulo Freire

GIROUX, Henry. Introdução: alfabetização e a pedagogia do empowerment político. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIROUX, Henry. *Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto alegre: artes Médicas, 1997.

HADDAD, Sérgio. *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.

MELLO, Thiago. *Faz escuro, mas eu canto*. São Paulo: Global Editora, 2017.

SOARES, Magda. *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2013.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

Recebido em: 15 jan. 2021.

Aprovado em: 13 set. 2021.

* **Suzana Mary de Andrade Nunes** é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), líder do grupo de pesquisa inscrito no CNPQ: Relações de Saberes e Subjetividades: Alfabetização, Linguagens e Trabalho (RESSALT). Tem Doutorado em Educação (UFS) e Pós-Doutorado em Ciências da Educação (FPCEUP). É associada da ABALF e da ANFOPE.

E-mail: suzana@academico.ufs.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1165-8951>.

** **Verônica dos Reis Mariano Souza** é Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciada em Letras Vernáculas – Português, é Doutora em Educação (UFS). Associada da ABALF, integra o grupo de pesquisa inscrito no CNPQ: Relações de Saberes e Subjetividades: Alfabetização, Linguagens e Trabalho (RESSALT).

E-mail: veronivamariano@live.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8076-098X>
